



O catolicismo carmelita e as devoções pretas no Brasil: apontamentos para o estudo iconográfico das esculturas em madeira policromada dos Santos Elesbão e Ifigênia | Fábio Mendes Zarattini

Conservador-restaurador pela UFMG (2014), Doutorando e Mestre do Programa de Pós Graduação em Artes, linha de pesquisa Preservação do Patrimônio Cultural, da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 | fzarattinirestauro@gmail.com

[<http://lattes.cnpq.br/4258119342923991> | <https://orcid.org/0000-0003-1455-0452>]

95

Resumo: Este artigo aponta representativas imagens em madeira de santos negros carmelitas, presentes no nordeste e sudeste brasileiros. O recorte temporal dos objetos de estudo, compreende os séculos XVI ao XIX, período em que se verificou a cristianização dos gentios, negros e pardos. A atuação das irmandades do Rosário dos Pretos decorreu na edificação de uma série de templos e principalmente na produção de esculturas policromadas com técnica e iconografia diversificadas. A pesquisa utilizou de revisão teórico-prática no exame de acervos das citadas regiões e contemplou análises de aspectos socioculturais, histórico religiosas, técnico materiais e documentação por imagem. Tal síntese evidenciou o predomínio das esculturas do Elesbão, e Ifigênia pelos carmelitas, e proporcionou a análise da variedade técnica, formal estilística e iconográfica acerca dessas esculturas católicas. O estudo facilitou a percepção de especificidades entre as devoções, características relativas aos acervos de cada estado, seus mitos, origens, modelos iconográficos e técnicas construtivas mais recorrentes.

Palavras-chave: Esculturas em madeira policromada. Carmelitas . Devoções negras. Santa Ifigênia. Santo Elesbão

Abstract: This article points out representative wooden images of black Carmelite saints, present in the northeast and southeast of Brazil. The time frame of the objects of study comprises the 16th to the 19th centuries, a period in which the Christianization of gentiles, blacks and browns was verified. The work of the brotherhoods of Rosário dos Pretos took place in the construction of a series of temples and mainly in the production of polychrome sculptures with diversified technique and iconography. The research used a theoretical-practical review to examine the collections of the aforementioned regions and included analyzes of sociocultural aspects, religious history, technical materials and image documentation. Such synthesis evidenced the predominance of the sculptures of the Elesban, and Iphigenia by the Carmelites, and provided the analysis of the technical, formal, stylistic and iconographic variety about these Catholic sculptures. The study facilitated the perception of specificities between the devotions, characteristics related to the collections of each state, their myths, origins, iconographic models and most recurrent construction techniques.

Keywords: Sculptures in polychrome wood. Carmelites. Black devotions. Santa Iphigenia. Saint Elesban



Introdução

Desde o século XV, a devoção ao Rosário já estava sendo introduzida em Portugal, decorrente do pioneirismo dos dominicanos que realizaram pregação na África e no Oriente. Os Jesuítas, inspirados pelos mesmos valores dos dominicanos foram grandes difusores do movimento missionário, e criação de templos em devoção a Nossa Senhora do Rosário, não somente na Europa como também nas Américas.

Em torno da devoção popular, Lisboa, presenciou assim, no término do século XVI, a instituição de várias irmandades, que incluíam: Jesus, Maria, José, estabelecida no Convento do Carmo; Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e dos Santos Reis Magos, em que se congregavam fiéis, majoritariamente negros. Exemplos de agremiações que, juntas, aglutinavam milhares de indivíduos em busca de status, proteção divina, a garantia de funerais cristãos, além da sociabilidade promovida pelos encontros desses grupos.¹

No período dos Oitocentos, a maioria das irmandades negras de Lisboa e do restante nos territórios da coroa portuguesa na América já era dedicada à Nossa Senhora do Rosário, tornando-a uma das principais invocações no movimento de evangelização. Cruzando o Oceano Atlântico as ordens religiosas aportaram no Brasil Colonial, e ocupadas em criar melhores condições à catequização focada nos gentios, e não católicos, que habitavam e povoavam esse território. Assim, as ordens franciscana, jesuíta e carmelita foram as três primeiras a cumprirem a orientação de catequização nas colônias portuguesas.

Os Franciscanos apresentaram em suas missões as imagens pretas de São Benedito de Palermo e do beato Antônio de Noto, cuja origem da devoção provém da Itália e bastante relevantes na evangelização dos africanos escravizados. As ordens, carmelita e franciscana, chamadas de mendicantes, rumaram ao território brasileiro e seguiam um modelo de renovação e reforma da fé cristã. Eram assim denominadas devido ao ato de “mendigar”, ou seja, buscar auxílio em prol dos mais necessitados, na prática de uma missão de catequização.²

As ações de evangelização levaram a uma difusão facilitada da doutrina mendicante e da sua palavra junto às massas, evocando a anunciação do Evangelho de forma simples, popular, mas, ao mesmo tempo profunda, e com grande clemência.³ As pregações desses grupos de clérigos ou leigos, irmãos franciscanos, jesuítas e carmelitas, levaram ao crescimento dos números de fiéis, inspirados pelo modelo de oração e devoção que a vida religiosa lhes fornecia.⁴

Os carmelitas, comprometidos nas propostas a serviço dos pobres e necessitados, desempenharam um papel fundamental na Contrarreforma religiosa e na doutrinação católica nas Américas, e já nos primeiros quartéis do século



XVIII, imbuídos na catequese dos “homens de cor”. Em certa oposição ao conservadorismo proposto pelos cânones oficiais do alto escalão da Igreja Romana, a ordem carmelita manifestava estar mais receptiva aos povos e em difusão de sua cultura além da Europa, envolvendo-se assim profundamente na divulgação dos santos negros com origem na África.

Cultuando a Virgem nas igrejas, nas capelas, nas procissões e confrarias, sincerizando-a conforme avançava a colonização – a popularíssima Nossa Senhora do Rosário dos escravos negros, tão reverenciada no século XVIII mineiro, os colonos brasileiros canalizaram-na e desacatarem-na na religiosidade cotidiana.⁵

No que se refere aos Santos Ifigênia e Elesbão, religiosos de etnia negra, é necessário considerar que todo o seu culto se rege por lógicas devocionais próprias, que os distanciaram mesmo dos outros santos pretos, como os Franciscanos, por exemplo. portanto, a pesquisa de documentos primários quanto a existência destes personagens é considerada complexa, e de origens indeterminadas, assim como dados a respeito de suas vidas pouco críveis e associadas a narrativas da oralidade. A conquista por fiéis colaborava em certa medida para a existência de uma certa concorrência e tensão entre esses grupos religiosos franciscanos e carmelitas.

O continente latino-americano tem sido um lugar propício para a ocorrência do hibridismo cultural em razão da imigração e emigração que ocorre desde eras remotas. Fusão entre as matrizes católica, africana e espírita em substituição a outras iniciais ou originais. Em visão preliminar, todo sujeito, grupo ou comunidade migrante é híbrido, pois, ao deixar sua terra, torna-se diferente frente aos outros costumes, crenças; músicas e danças em outro ritmo estrangeiro.

Pode-se dizer que o hibridismo religioso, conceito mais moderno que sincretismo, esteja associado ao modo como as religiões são pensadas e sobre as influências das teorias que são hegemônicas em um dado momento da história. O conceito de hibridismo é considerado mais contemporâneo justamente pela expansão na abordagem aos elementos da cultura não especificamente religiosos.

Frente ao discurso discriminatório ora aparente, ora velado sobre os negros que sócio-historicamente perdura desde a colonização até o momento presente, não se pode negar que existe uma religiosidade no Brasil que se configura como sendo híbrida. Calcada na cultura da Diáspora, transplantada pelas etnias africanas que foram subordinadas ao processo escravagista brasileiro. Povos supostamente dominados, que, embora incorporando ritos católicos europeus, mantêm valores culturais vindos do continente africano.⁶

O termo Diáspora Negra ou africana, tem sido utilizado por historiadores, movimentos civis e descendência de ex-escravizados recentes, relaciona-se com dispersão e refere-se ao fenômeno histórico e sociocultural, que ocorreu muito em função da escravatura, quando indivíduos africanos eram forçosamente transportados⁷ para outros países para trabalharem.⁸



No Brasil, ocorreu um processo de fusão das matrizes religiosas africana e católica, e em oposição ao louvor a um Deus reconhecido como masculino, patriarcal. Os pretos pareciam preferir enaltecer a figura de Maria. Em conexão às simbologias, a figura de Menino Jesus que as esculturas de Nossa Senhora carregavam, era prestigiada pelos pretos visto a concepção de uma deidade maternal, à qual os escravizados provavelmente associavam com suas tradicionais entidades cultuadas no território africano e recorressem em pedidos de alívio às penosas condições de vida e trabalho, socorro e remediação para seus padecimentos.

Dentre uma série de justificativas desses religiosos, encontra-se a hipótese de que na iconografia da Virgem verificava-se o terço ou rosário nas mãos, fato que a associava a Virgem à deusa Afã ou Ifá, semelhante ao colar de fins divinatórios, cuja manufatura mais tradicional era a utilização das sementes de uma palmeira unidas por cordão.⁹ O dominicano Alano de Rupe já havia despertado a crença nos poderes do rosário como meio de obter graças e proteção da Virgem Maria, inspirando outras obras e missionários, em especial os dominicanos, por toda a Europa.¹⁰

98

Na demanda da construção de uma identidade católica negra, as congregações católicas mesclaram e flexibilizaram seus cânones hieráticos, com recorrência às imagens de visual conectado às raízes populares, que atenuavam as características patriarcais e senhoriais. Quanto às razões que levaram à formação de associações religiosas leigas,¹¹ a falta de segurança que cercava a vida desses homens foi o que propiciou a constituição de grupos, que unidos pelas suas agruras vividas encontraram na figura dos santos um conforto para os seus dissabores. A respeito do surgimento dessas irmandades, observa-se o seguinte:

Nascidas sob a inspiração e a égide do poder espiritual, logo se pautaram por um sentido nitidamente laico. Assumiram, assim, papel suplementar ao da Igreja com finalidades bastante dinâmicas acompanhando o processo histórico.¹²

Dentre inúmeros sofrimentos e maus tratos, sendo a condição de trabalho na lavoura um dos piores pontos, os escravizados eram submetidos a provações para testar a sua fé, resignação, amor ao próximo e a Deus. Dessa forma, na cultura da diáspora, e principalmente pautados pela orientação da doutrina católica, o povo negro hibridizou sua cultura.¹³ A afinidade e identificação com os martírios e sofrimentos dos santos pretos e de origem africana seria a consequência.

Na devoção à Rainha do Rosário, e santos pretos, patronos dessas organizações verificou-se grande envolvimento por parte dos escravizados de origem africana e seus descendentes. Muitos destes patronos africanos foram progressivamente conectados à expansão catequética. Em novas leituras,



inúmeros santos católicos passaram a ser hibridizados, associados aos orixás, o que facilitava a devoção pelo povo africano.

Em busca de projeção, personagens religiosos africanos antepassados foram assim considerados úteis as causas da expansão carmelita e passaram a ter seus aspectos hagiográficos exaltados pela Ordem Carmelita e seus membros. As esculturas dos santos Ifigênia e Elesbão, parecem confirmar tal pressuposto, visto que se tornaram instrumentos evangélicos importantes, e assim, possibilitavam a popularização e pregação da mensagem católica e a integração social desses novos fiéis. Necessário ponderar que a oralidade e as lendas foram adaptadas e incorporadas a cultura dessas agremiações reforçando assim, os símbolos de conhecimento comum presentes na materialidade dessas esculturas devocionais.

Os Carmelitas e os santos negros Ifigênia e Elesbão

A ordem dos carmelitas teve sua fundação no século XI e foi uma das últimas ordens religiosas a serem criadas na Idade Média, visto que em 1215 foi proibida a formação de novas ordens pelo Concílio Lateranense.¹⁴ Outras ordens serão criadas na época moderna após reformas nas políticas religiosas de fundação dessas instituições. Em busca de projetá-la no mesmo patamar das outras mais antigas, os membros e propagadores da Ordem Carmelita sentiam a necessidade de enaltecer quaisquer indícios de raízes mais remotas, e por conseqüentemente, um caráter mais tradicional.

Esta demanda de projeção era resultado frente à disputa entre as ordens religiosas em busca de devotos. Os carmelitas não tinham um fundador definido, como era o caso dos Franciscanos e seu instituidor São Francisco ou dos dominicanos com o frei São Domingos de Gusmão. Desta forma, a ordem carmelita sofria a carência de bases ou pontos de referência que a tornasse mais facilmente interiorizada pelos crentes. A concepção dos mitos dos Profetas Elias e Eliseu possivelmente preenchia este espaço e procurava satisfazer esta necessidade, ou seja, fornecia argumentos para sua valorização frente a outras anteriores e já consolidadas. Desta maneira, recorreram à cultura e estórias conectadas à oralidade, e recriaram um passado, orientando como base de tradição e elemento diferencial que potencialmente os projetaria na concorrência entre as ordens religiosas na atração de novos crentes.

Para enfatizar esta ideia de antiguidade, foram concebidas, a partir do século XIV até mesmo os nossos dias, várias obras textuais apologéticas que em constante teor fantasioso dotavam a ordem de origens remotas. Necessário destacar que, este fenômeno não se restringiu à Ordem Carmelita, sendo de certa forma habitual, mesmo em ordens mais alicerçadas que a carmelita, em que a



concepção e enaltecimento de um passado longínquo eram apresentados a partir do trânsito de relatos fantasiosos e de grande criatividade.

Já nos primeiros quartéis do século XVIII, a Ordem do Carmo, imbuída na catequese dos “homens de cor”, expressão que utilizavam ao se referir aos pretos, envolveu-se profundamente na divulgação de santos de ascendência preta e africana. Em oposição ao conservadorismo proposto pelos cânones oficiais do alto escalão da Igreja Romana, alguns santos foram apropriados pela camada popular e encontraram nela uma força devocional intensa. Uma princesa original da Núbia e um rei de Axum, ambos, nobres personagens de etnia negra nascidos, respectivamente, nos atuais países, Sudão e Etiópia, onde a Igreja Ortodoxa tem grande atuação. Importante ressaltar, que de fato, os personagens históricos apresentaram história e origens muito anteriores a data de fundação da Ordem do Carmelo, o que tornam nada crível os mitos desses negros na posição de membros integrantes.

A Etiópia, região anteriormente conhecida como Abissínia, um país encravado no nordeste africano, é afamada como um dos mais antigos do mundo. Além de sua antiguidade, a Etiópia é um dos sítios de existência humana mais inveterados conhecidos por cientistas que estudam os traços mais longevos da humanidade. O território também foi conhecido por ser considerado como a terra dos cuxitas, expressão originalmente relacionada ao povo de pele escura, em referência às nações da costa leste do Mar Vermelho.

Com relação ao resgate dos santos pretos africanos, Anderson Oliveira afirma o seguinte:

Além das origens africanas e do heroísmo cristão relacionado à figura de ambos os santos, Frei José constrói uma associação direta deles com o Carmo, o que, cronologicamente, seria impossível, já que a Ordem foi criada no século XIII. Tal associação denotava a relação que se queria estabelecer entre o Carmo e a proposta de catequese em questão.¹⁵

O estilo de vida carmelita, mendicante e ativo, desempenhou assim, um papel primordial na difusão do culto aos santos etíopes, o que possibilitou um estreito contato e marcante inserção na pastoral urbana, na divulgação e consolidação da devoção negra entre os fiéis. Abriram-se, desta forma, oportunidades para as mais diversas apropriações da figura do santo negro em um complexo processo de construção e coesão de grupo, cuja identidade se construía através do estabelecimento do contraste de classes.

Os primeiros carmelitas que atracaram no Brasil, especificamente em Pernambuco, na armada de Frutuoso Barbosa, com a missão de participar da expulsão dos franceses da Paraíba e se incluir na onda expansionista no período da Restauração, em que a Igreja e os conventos das ordens religiosas na colônia se multiplicaram, edificaram templos e difundiam suas devoções. As vilas de



Olinda e Igarassu, primeiros núcleos de povoamento do território, tornaram ponto de partida de expedições desbravadoras com destino ao interior da capitania e outras localidades.¹⁶

Em 1586, o carmelita Frei Damião Cordeiro fundou o Convento do Carmo de Salvador da Bahia. Frei Pedro Viana, com outros religiosos, rumaram-se em direção ao sul, ocasião em que fundaram os Conventos de Santos, em 1589, e o da Praça XV no Rio de Janeiro, em 1590.¹⁷ Posteriormente outras fundações em Angra dos Reis, em 1593, e São Paulo, em 1594, fizeram parte desse fluxo migratório dos religiosos.

Os séculos XVII e XVIII podem ser consideradas a época áurea do Carmelo brasileiro, visto a ampla distribuição geográfica de conventos que se subdividia em principalmente três províncias distintas: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco; além do vicariato do Maranhão e Pará.¹⁸ Grande era o incremento vocacional e eficaz a presença pastoral na vida popular. No último quartel do século XVIII, o Brasil já contava com quase 500 religiosos carmelitas.

As atividades pastorais abrangiam sobretudo as da pregação, da prática de ritos presentes na devoção mariana. Nas prósperas províncias, vários conventos sediavam os estudos de humanidade, de filosofia e de teologia. Alguns destes religiosos participavam da vida cultural da época.

Coube ao frei carmelita José Pereira de Santana em seu livro publicado em Lisboa, no ano de 1735, o trabalho canônico de dois volumes de caráter hagiográfico que trazia a mensagem da ordem e intitulava-se: *Os Dois Atlantes de Etiópia: Santo Elesbão, Imperador XLVII da Abissínia, Advogado dos perigos do mar & Santa Ifigênia, Princesa da Núbia, Advogada dos incêndios dos edifícios*. Neste texto, o frei buscava além de difundir a mensagem carmelita, caracterizar as virtudes daqueles santos. Estabeleceu nessas imagens a relação com os pilares, atlantes, o sol e lua, trazendo a estas imagens de santos negros a interpretação de que seriam luminares da fé católica em terras africanas e construção de um exemplo a ser seguido pelos seus devotos pelo mundo.

Focado em projetar sua Ordem e representar a superação da adversidade da cor nos passos da verdadeira e única Igreja, o Frei José Pereira de Santana, tinha da África um conhecimento tendencioso, marcado por estereótipos, ambiguidades, dados de histórias ancestrais, e idealizações nas origens e vidas dos africanos da Etiópia e na Núbia, respectivamente.¹⁹ Desta maneira, o Frei carmelita teria recortado aspectos narrativos pontuais que convinham a este propósito de projetar a Ordem frente aos novos cristãos.²⁰ Observam-se na publicação do religioso, indicações detalhadas de como deveriam ser as estampas, e as esculturas desses santos a serem esculpidas. Nesses modelos eram enfatizados gestuais heroicos e resignados, carnações negras e vestes carmelitas no panejamento.



De acordo com Anderson Oliveira (2006), o frei José Pereira de Santana tinha da África uma “perspectiva paradoxal”, impregnada por idealizações, estereótipos, ambiguidades, dados de histórias fantasiosas passadas de modo oral, relativas à origem e vidas dos africanos da Etiópia e Núbia, respectivamente.²¹ Posto em foco, o frei teria recortado aspectos narrativos pontuais que convinham à representação da superação da adversidade da cor e fundamentalmente ao propósito de projetar a Ordem frente aos novos cristãos. Merece destaque que na produção do religioso e hagiógrafo observam-se indicações específicas de como deveriam ser as estampas, e as esculturas desses santos a serem entalhadas e reproduzidas.²² Nesses modelos enfatizava um gestual solene e resignado, a carnação e traços fisionômicos dos pretos e a caracterização com os hábitos e escapulários, elementos imprescindíveis dos trajes carmelitas.

Necessário recordar que seguramente o texto de Santana vem a ser a obra mais completa dedicada a estes santos, porém o religioso não inaugurou as devoções, tendo provavelmente apenas difundido e apresentado as diretrizes de um modo profundo, indicando os seus moldes.

No que tange à questão da devoção nas irmandades negras, trabalhos vêm demonstrando a possibilidade do estudo destas instituições enquanto espaços de estruturação de identidades étnicas. Ao congregarem-se em torno dos santos patronos, africanos e seus descendentes criam estruturas e laços de solidariedade que favorecem a conquista de graus de relativa autonomia do povo negro em meio às agruras do sistema escravista.²³

Os mitos e os aspectos iconográficos predominantes

Portugueses e espanhóis estavam à frente da difusão do culto católico junto aos negros africanos e gentios, deles provinham as principais referências iconográficas. Inseridos na temática de devoção negra predominam as iconografias dos santos Carmelitas Ifigênia e Elesbão. O imaginário religioso estabelecido no interior das confrarias negras dos Carmelitas deve-se sobretudo aos citados personagens eleitos para sua devoção.

Santa Ifigênia, a Princesa da Núbia, tida como uma das responsáveis pela disseminação do cristianismo na Etiópia e de acordo com o livro de Jacopo de Varazze, *A Legenda Áurea*, era filha do Rei etíope Eggipus ou Egipô. Em uma de suas principais fábulas, consta que, a virgem Ifigênia fora dedicada a Deus por Mateus, o Evangelista, fato que teria provocado a ira de Hirtacus. A lenda culmina com as mortes de Mateus e da virgem princesa. Após a morte do tirano, o povo teria aclamado o irmão da religiosa como um novo rei, e descendentes dos nobres teriam promovido a construção de muitas Igrejas cristãs pela Etiópia,



provavelmente daí sua fama como pioneira difusora do cristianismo na África e santificação pela religiosidade popular.²⁴

As origens do culto aos santos negros carmelitas são bastante obscuras e indicam a devoção de Ifigênia já nos finais da Idade Média, a partir das obras de difusão hagiográfica da *Legenda Áurea* e *Flos sanctorum*. Ao que tudo indica, a devoção a Santa Ifigênia começou entre os carmelitas de Cádiz, na região espanhola da Andaluzia, na Espanha, se propagou por Portugal e depois pelo Brasil. Geralmente Ifigênia está associada e inserida em episódios da vida do evangelista São Mateus. Talvez, esta característica de associação ao evangelista seja argumento para o símbolo do livro aberto em algumas de suas representações iconográficas.

Para além desses fatores, a questão da cor dos santos era outro elemento-chave não só na estruturação do projeto de conversão, como também na explicitação da visão hierárquica que Frei José dava à sua proposta. Elesbão e Efigênia eram santos pretos. O material escrito por Frei Pereira de Santana²⁵ enfatizava a cor dos santos e foi criado, segundo argumentação dele próprio, de modo a esclarecer a preocupação com esta especificidade. A cor destes personagens era um “acidente”. Apesar da cor, Elesbão e Efigênia não estariam inferiorizados na corte celeste, em função de suas almas serem cristãs. Aqueles fiéis que seguissem seus exemplos, apesar do “acidente” da cor, seriam amparados e atingidos também pela graça divina.²⁶

No texto *A Inchyta Virgem Santa Ifigenia Princesa do Reyno da Nubia, e Religiosa Carmelita, de cor preta*, o volume segundo da publicação do frei José Pereira de Santana, é possível encontrar uma referência à forma como o culto a esta santa se processava na cidade de Cádiz.²⁷ Esta ideia é também reafirmada pelo frei, ao referir que a santa era adorada por uma comunidade “*sendo huma das mais numerosas da Corte*”. No citado texto é apresentada a seguinte informação referente ao culto de Santa Ifigênia em Cádiz

Tanto he o affecto, que ali lhe tem as senhoras, que as mais illustres se prezão do titulo de Ayas da Santa Princesa preta: e competindo entre si no merecimento da a servirem, só as que para o intento são nomeadas, vestem a sua Santa Imagem, e compõem no que se lhes permite, a sua bem paramentada Capella.²⁸

Desta forma, é possível concluir que, se os moradores desta Corte e demais fiéis do Reino se envolvessem na devoção da santa, conseguiriam felicidade e proteção de seus lares.²⁹

A representação mais difundida de Ifigênia a mostra como uma mulher de meia-idade, em posição frontal, véu sobre a cabeça, fisionomia serena, olhos abertos, nariz afilado, boca serrada, lábios carnudos, o braço esquerdo pode portar um crucifixo, palma de martírio e o direito, um livro, que pode ser



associado ao Evangelho de Mateus, uma igreja, ou ambos atributos. Ocasionalmente se apresenta coroada ou com uma coroa depositada a seus pés. Veste quase invariavelmente túnica e hábito carmelita.

De forma não menos dogmática, há outra narrativa de teor hagiográfico menos difundida pela forma oral a respeito de Ifigênia. A versão indica que, oito anos após a Ascensão de Jesus, o Apóstolo S. Mateus e mais dois discípulos teriam chegado para evangelizar a capital da Núbia, cidade natal da princesa. Considerado como louco pelos habitantes, suas palavras teriam sido mal-recebidas, exceto pela princesa Ifigênia, que, de forma quase solitária, e em rejeição ao paganismo, teria aceitado a ideia de um único Deus. Contudo, dois sacerdotes pagãos muito influentes ditavam as regras no local, e, cientes das pregações e da crença da princesa, começaram a difamar o apóstolo alegando que ele insultava seus deuses.

Em seguida, teriam convencido o rei a oferecer Ifigênia em sacrifício aos deuses, e assim, providenciaram uma fogueira acesa no formato de um trono. Após a invocação do nome de Jesus pela princesa, um anjo teria surgido do céu tornando-a invisível e a deslocando para outro lugar. Com o milagre de libertação, a nobre teve seus esforços multiplicados e reconhecidos por todo o reino e a Núbia.

Santo Elesbão, assim como a citada princesa Núbia, foram devoções estimuladas pelos carmelitas. Ambos exaltados e difundidos como ideais de virtudes, santificados por aclamação popular, porém de improvável verossimilhança e indícios documentais. Estes cultos, na intercessão do projeto de catequese e na vivência religiosa dos negros, por meio de ídolos e imagens devocionais em madeira policromada, possibilitaram o diálogo das tradições católica e africanas, expressando a construção de novas memórias, novas identidades por africanos e seus descendentes.

Segundo a narrativa de Frei José Pereira de Santana, Elesbão teria sido natural da Etiópia e 46º neto do Rei Salomão e da Rainha de Sabá, e imperador de seu país no século VI.³⁰ A hagiografia do lendário Santo Elesbão não está apresentada em nenhum destes manuais exemplares, tornando complexa a percepção da raiz de seu culto. A obra do frei, talvez, seja o registro mais aprofundado desse estudo hagiográfico e iconográfico, no entanto, o Santo já figura no Martirológico Romano de 1586, o que facilita a argumentação da pré-existência do culto.

Segundo as versões a respeito de sua vida, Elesbão teria expandido o reino cristão da Etiópia através do Mar Vermelho até a Península Arábica e o Iêmen, convertendo árabes e judeus à fé cristã. Aproximadamente em 523 d.C., Dunaan, um rei judeu do Reino Himiarita, localizado atualmente no Iêmen, posicionou-se em rebelião contra Elesbão. Dunaan teria massacrado muitos cristãos do seu



reino, incluindo o vice-rei instalado por Elesbão na cidade de Zafar. Em reação e com apoio do imperador bizantino Justino I, Elesbão teria vencido Dunaan numa guerra, possivelmente em 524/525, restabelecendo a fé e colocando no trono do reino de Dunaan um rei cristão, Esimifeu (525–531).

Em seus últimos atos, o nobre Elesbão teria abdicado do trono em favor de seu filho e repartido suas riquezas entre os pobres. Em redenção, após depositar sua coroa na Igreja do Santo Sepulcro, Jerusalém, teria passado a viver como eremita.³¹ A expressão Eremita ou ermitão se referem aos que vivem em locais desertos, isolados, geralmente por motivo de penitência, conectado a buscas espirituais, ou simples afinidade à natureza. Considera-se que 555 d.C. seja o ano de sua morte. Segundo a *Acta Santorum*, sua comemoração é no dia 27 de outubro.

Além de várias inscrições com seu nome em monumentos, a antiga região da Etiópia reconhecida como *Aksoum*, Aksum, ou Axum, ainda conserva um par de tumbas, estruturas em ruínas, supostamente se trata da tumba de Elesbão e de seu filho, Gabra Masqal.³² Essa estrutura foi examinada pela primeira vez como um assunto arqueológico por Henry Salt no início do século XIX; quase um século após, foi parcialmente limpa e mapeada pela *Deutsche Aksum-Expedition* em 1906.³³ A escavação mais recente deste túmulo foi provavelmente em 1973 pelo Instituto Britânico na África Oriental.³⁴

O processo de sua canonização não aparece nos registros historiográficos. Elesbão foi chamado de "o bem-aventurado", pela determinação com que teria defendido a religião católica no tempo do imperador Justino, o Velho (518-528), fazendo cessar a perseguição contra os cristãos na Arábia.³⁵

Referente à mitologia no entorno de Santo Elesbão, consta que se trata de um:

Rei etíope, provavelmente monifista que a lenda coloca no século IV e que está associado aos Carmelitas, sem saber as razões para isso. Este rei vingou o massacre de Najran, executado por outro rei chamado Dunaan, que se converteu ao judaísmo. A Lenda faz dele um anacoreta no fim de sua vida e esta é provavelmente a causa de sua afiliação com as ermidas do Carmelo. [...] Com seu próprio rosto negro, ele veste traje real e usa a escápula de cor castanha no peito.³⁶

De acordo com Frei José Pereira de Santana (1735-1738), as imagens do Santo Elesbão deveriam ser representadas conforme as seguintes diretrizes:

Preto na cor do rosto, e das mãos, que são as partes do corpo que se lhe divizão nuas: cabelo revoltado, à semelhança daquele, com que se ornaõ as cabeças dos homens da sua cor: as feiçoens parecidas às dos Europeos, nariz afilado, forma gentil, idade de varaõ, cercilio de Religiozo, coroa de Sacerdote, hábito de Carmelita, que vem a ser: túnica cingida de Correa, Escapulario, com túnica de um pardo escuro tendente a negro, capa, com capello exterior, e murça branca. Estará com a mão direita cravando huma lança no peito de hum Rey branco, o qual aparecerá de meyo corpo submettido ao pé esquerdo do Santo, que o piza. Terá este Rey diadema aberto sobre cabelo anelado, rosto trigueiro, melancólico, e feyo; que (conforme Lodolfo) taes



eraõ as suas feyçoens: o qual Rey se verá, como nas prayas de Farà, atado de huma cadea de ouro, que pensente do pescoço, lhe prende as mãos.³⁷

O religioso e hagiógrafo complementou o seguinte, acerca dos atributos portados pelo personagem e suas imagens:

A lança do Santo, será à imitação das ordinárias, mas terá no remate superior da haste, em lugar de ferro, huma pequena Cruz, na qual se segura huma proporcionada bandeira de duas pontas: o que tudo symboliza o trofeo, que mesmo Santo Emperador exaltara, depois das infignes victorias que o engrandeceraõ, e dos soberanos triunfos, que o eternizaraõ. Estará com a mão esquerda inclinada para o peito, e com o braço da mesma parte algum tanto suspenso, como abraçado a huma Igreja, em mysterioza recordação de haver defendido a Catholica, e restaurado a da Arabia. A seus pés se veráõ, como lançados por terra, o centro, que largara, e a coroa imperial que depuzera. Todas as outras acçoens que em algumas das suas Imagens se representaõ. São tençoens impróprias ou escuras ideias dos Artifices, que como árbitros das proprias vontades, e senhores dos seus instrumentos, pintaõ como querem.³⁸

Apesar desta iconografia descrever a uma imagem agressiva, Elesbão, o rei de Axum é descrito como justo e piedoso, ao contrário de Dunaán, que seria desprovido das virtudes como a humildade e a paciência, era vingativo e tomado de ira. Nesse sentido, os atos de Elesbão não tinham aparentemente o significado da violência pela violência e nem se comparavam à vingança de Dunaan. Supostamente, o rei de Axum fazia justiça contra os inimigos da fé em nome do único e verdadeiro Deus, uma espécie de “reconquista”, expressão valorizada à mentalidade ibérica.

Conforme seu preciso material iconográfico, o carmelita Frei José Pereira de Santana revela alguns dos sentidos e simbologias presentes nas representações de Santo Elesbão e o que podiam evocar não apenas formalmente, mas também ideologicamente. Os atributos, como o livro e a maquete de igreja, são símbolos que se relacionam à defesa da religião católica no tempo do imperador Justino, o Velho (518-528). O livro não consta das descrições e orientações, mas a maquete de igreja pode, de modo geral, ser interpretada como a lembrança da causa restauradora da fé cristã em seu reinado.

Estará com a mão esquerda inclinada para o peito, e com o braço da mesma parte algum tanto suspenso, como abraçando uma Igreja, em misteriosa recordação de haver defendido a Católica, e restaurando a da Arábia, A seus pés se veráõ, como lançados por terra, o cetro, que largara, e a coroa imperial que despusera [...].

Nestes citados templos da região ibérica, verificam-se grande variedade iconográfica e formal cuja origem de modelos ainda permanecem obscuras. Em busca das origens de representação dos santos negros Ifigênia e Elesbão, é possível a análise das esculturas presentes nas igrejas carmelitas da *Iglesia del Carmen* ou Igreja de Nossa Senhora do Carmo e Santa Teresa, localizada na cidade de Cádiz, Andaluzia, na Espanha, *Iglesia del Carmen*, ou Igreja de Nossa Senhora do



Carmo, Antequera, da Catedral de Santa Maria de Tui, situada na cidade de Tui, Galiza, Espanha; e do Retábulo das Almas da Igreja do Convento Santa Clara do Porto, em Portugal, como peças bastante representativas dessa temática. Essas representações foram replicadas em várias partes de territórios colonizados desses impérios e de forma global.

As esculturas em madeira policromada e dourada da Igreja de Antequera, apresentam gestual e panejamento movimentados. [Fig.1 e 2]



107

[Fig. 1 e 2] Santos Elesbão da Iglesia del Carmen, Antequera e Ifigênia da Iglesia del Carmen de Cádiz, ambas na Espanha. Fonte: ROWE, 2019, Plate 42-41

A imagens mostram os santos Elesbão e Efigênia com vestes carmelitas e escapulário, além de coroas e crucifixos como atributos. [Fig.3 e 4]:



[Fig.3] Santo Elesbão da Catedral de Santa Maria de Tui, Galiza, Espanha. Fonte: ROWE, 2019, Plates 48, 27



[Fig. 4] Pormenor da imagem de Santa Ifigênia, Iglesia del Carmen, de Cádiz, Espanha. **Fonte:** ROWE, 2019, Plates 48, 27

A imagem de Elesbão da Catedral de Santa Maria de Tui mostra o pouco utilizado atributo barco em sua mão esquerda, dado que reafirma a expressão *Advogado dos perigos do mar* utilizada pelo frei José Pereira de Santana, enquanto a escultura da nobre Ifigênia carrega apenas uma palma em sua mão direita.

Datadas do século XVIII, as imagens do Convento de Santa Clara, dos Santos Negros Elesbão e Santa Ifigênia, fazem emergir vários questionamentos a respeito dessas figuras lendárias que remontam aos séculos I e VI respectivamente. [Fig.5 e 6].

Cabe ressaltar a forma contrastante com que Santana se preocupa com a representação de Santa Ifigênia em relação à de Santo Elesbão. Apesar de Santana também lhe dedicar alguns parágrafos (onde refere o seu traje carmelita e atributos como a igreja em chamas) não entra em nenhum pormenor, seja em relação às feições da santa, ou à cor da sua pele. O porquê desta diferenciação poderá estar na contrastante forma como Santana começa a exposição das suas considerações sobre a iconografia dos santos.

Enquanto no momento em que Santana apresenta a iconografia de Santo Elesbão usa as palavras - “ A forma em que a Imagem deste glorioso Santo se deve pintar”, este, quando faz o prelúdio à iconografia de Ifigênia refere “A sua Sagrada Imagem se costuma, ou pintar, ou esculpir da maneira seguinte”⁹. A



diferenciação entre as expressões “deve” ou “costuma” pode ser sintomática de vários sentidos. Por um lado, poderia haver muitos mais abusos na representação de Santo Elesbão, visto ele ser um santo eminentemente bélico e masculino. A sua representação poderia ser muito mais propícia a uma iconografia que o representasse com traços carregados, diversos dos europeus. Já Santa Ifigênia, como religiosa pertencente ao universo monástico feminino, poderia desde sempre ter sido representada com traços mais dóceis.

109



[Fig.5] Santo Elesbão do Retábulo das Almas, Igreja do Convento Santa Clara do Porto, Portugal. **Fonte:** LOPES, 2010-2012, p. 206-222



[Fig.6] Santa Ifigênia do Retábulo das Almas, Igreja do Convento Santa Clara do Porto, Portugal. **Fonte:** LOPES, 2010-2012, p. 206-222

As pinturas e esculturas da Santa Ifigênia com a sua representação isenta de atributos é bastante restrita e muito menos popular. Na América do Sul, encontra-se o exemplo da devoção praticada no Peru, em que figuram esculturas de vestir que não portam atributos e nem mesmo o hábito carmelita.⁴⁰

No distrito de San Luis de Cañete, ao sul de Lima, na antiga fazenda La Quebrada, há uma capela que abriga uma pintura sobre tela com mais de dois metros de altura e uma escultura de Santa Efigênia, ambas representando uma mulher negra. Roupas que estão longe das conhecidas em que usa o hábito carmelita e remetem mais à sua origem como princesa oriental⁴¹.



A imagem de Ifigênia, processional e de vestir, proveniente de Lima, no Peru, apresenta-se em trajes coloridos e alegres, bem distintas das tradicionais vestes solenes de tom castanho, dos modelos ibéricos. [Fig.7].

111



[Fig.7] Santa Efigênia. Séc. XVIII. Cañete, Lima. Perú. **Fonte:** ESTABRIDIS, 2021, p.47

A imagem de Ifigênia exposta na mostra Barroco Ardente se mostra sem atributos, e curiosamente tem seu nome grafado na base, mas certamente esses modelos são muito mais infrequentes e pouco representativos. Ocasionalmente,



em alguns acervos, em grande maioria fora dos templos religiosos, são verificadas imagens da santa em posse dos atributos palma, cruz, livro aberto ou a igreja. Sem dúvida, esse último, o mais corriqueiro e emblemático [Fig.8]. A presença da igreja em chamas inclusive promove o reconhecimento do título de Protetora das moradias contra os incêndios. [Fig.9-11].

112



[Fig.8] Santa Ifigênia, Colecionador particular, século XVIII. Fonte: Catálogo da Exposição Barroco Ardente e Sincrético - Luso-Afro-Brasileiro, 2018 - Museu Afro Brasil, SP



113



[Fig.9] Santa Ifigênia: a) da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, Recife, PE, Séc. XVIII; b) da Igreja de S. Ifigênia, Ouro Preto, MG, Séc. XVIII; c) da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, Ouro Preto, MG, Séc. XIX; d) da Igreja de N. Sra. do Carmo, de São João del-Rei, Séc. XVIII; e) da Igreja de S. Elesbão e S. Efigênia, RJ, Séc. XVIII. **Fonte:** a) Catálogo MASPE, Fred Jordão, 2019; b), c), d) Fotos do autor; e) <https://diariodorio.com>

[Fig.10] Santa Ifigênia: a) Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, de Mariana, MG, Séc XVIII; b) da Igreja de N. Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana, MG, Séc. XVIII, de S. Rita Durão, MG e c) Igreja de N. Senhora do Rosário dos Pretos, de Piranga, MG. Séc. XIX. **Fonte:** a), b) e c) Fotos do Autor

[Fig.11] Santa Ifigênia - a) da Igreja de S. Francisco, Ordem Terceira; b) da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, ambas em Salvador, BA; c) do Museu Afro Brasil, SP; e d) de coleção particular, SP. **Fonte:** a) Fotos do autor, 2019; b) Paul R. Burley, 2019; c) Catálogo da Exposição Barroco Ardente e Sincrético, 2018 - Museu Afro Brasil, SP; e do c) Fotos do autor, 2021



Conforme as imagens da santa Ifigênia inventariadas em Minas Gerais pelo Iphan, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, verifica-se que “das 27 arroladas, 26 tem a igrejinha e a palma, enquanto uma única leva, curiosamente, um livro aberto”.⁴²

Na imagem observa-se Elesbão desprovido de atributos [Fig.12a]; o santo com seu tradicional escapulário de bordas decoradas [Fig.12b]; em posse de um livro aberto e uma grande coroa dourada a seus pés sobre a peanha [Fig.12c]; se mostra atipicamente barbado, suas vestes têm mangas longas, de bocas largas e caídas [Fig.12c].

Na Igreja Matriz de São Bartolomeu, distrito de Ouro Preto em Minas Gerais, observa-se uma “imagem de Santo Elesbão, um santo negro, de rara representação, e de iconografia misteriosa, que veste hábito carmelita e traz na mão esquerda uma igreja e na direita uma lança com que espeta o demônio, sobre o qual pisa com os dois pés”.⁴³ A escultura apresenta o santo em talha e policromia bastante simplificadas [Fig.12 d]. É necessário ponderar que devem ser considerados os aspectos subjetivos, ocultos, nas mensagens subliminares que existem em cada obra de arte. Em relação à citada escultura de Elesbão, Coelho (1998) chama atenção às possibilidades de leitura, e segundo os mitos a figura caída se remete ao já citado rei Dunaan que teria cometido atrocidades aos católicos locais.⁴⁴

[Fig.12] Santo Elesbão: a) da Igreja de Santa Ifigênia, Ouro Preto, MG; b) da Igreja de N. Senhora do Rosário dos Pretos, Ouro Preto, MG; c) do Museu Afro Brasil, SP; d) da igreja de S. Bartolomeu, distrito de Ouro Preto, MG. **Fonte:** a) e b) Fotos do autor; c) Catálogo da exposição Barroco Ardente e Sincrético, 2018 - Museu Afro Brasil, SP; e d) Orlando Ramos Filho, 1997





Nas esculturas, Elesbão mostra-se trajado em vestes carmelitas e um rei caído aos seus pés. Observa-se curiosamente que a figura do rei, ora com feições e carnção ou pele clara, ora aparece com a pele mais morena ou mesmo preta [Fig.13]. Nas esculturas o Santo porta uma lança que termina em acabamento de cruz e a projeta em um rei caído aos pés [Fig.13a e b].



[Fig.13] Santo Elesbão: a) N. Sra. do Rosário de Tiradentes, MG; b) da Igreja de S. Elesbão, RJ; c) da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, Olinda, PE; d) da Igreja de N. Sra. da Boa Viagem, Recife, PE; e) e f) da Igreja de N. Sra. do Rosário dos Pretos, de Recife, PE. Fonte: a) Luiz Cruz, 2021; b) <https://diariodorio.com>; c), d), e) e f) Catálogo MASPE, Fred Jordão, 2019



Considerações finais

A cristianização de africanos e seus descendentes configura-se como um tema relevante na história da diáspora. Este processo está inserido na questão que Stuart Hall denominou de uma difusão “estética”, já que produziu uma apropriação e ressignificação dos símbolos católicos segundo os valores das diversas culturas originárias da África.⁴⁵ Esta ressignificação, como debateu Hall, não se refere apenas a um resgate, mas sim à configuração de algo novo, ainda imprevisível e que possibilita apropriação de criatividade cultural própria dos africanos e seus descendentes envolvidos no contexto do escravismo colonial.

Este recurso de criatividade cultural, no campo das religiosidades, sustenta e confirma o papel da devoção enquanto um importante sinal questionador na construção de identidades étnicas. Colabora, inclusive, na historicidade da devoção, a qual era apreendida pelos diversos grupos étnicos segundo suas estruturas econômicas, políticas e culturais de origem geográfica.

As imagens religiosas em madeira policromada dos africanos Ifigênia e Elesbão, mártires difundidos pelos carmelitas, certamente proporcionou conexão do povo negro com a religiosidade dominante e de algum modo uma integração social e a flexibilização de fronteiras culturais. Nas Igrejas e capelas do Rosário dos Homens Pretos, museus e coleções particulares brasileiras, as esculturas dos santos, cujos mitos têm origem na Etiópia e Núbia, se mostram populares e bastante representativos.

Apesar do menor número de devoções propagadas no catolicismo carmelita, os negros personagens materializados em escultura são recebidos por inúmeros convertidos, e fiéis de origem africana que oportunizavam um meio que resgatava a identidade do povo escravizado de origem africana. Além da fruição estética, proporcionam a manifestação das práticas artísticas e religiosas, o debate de valores políticos, históricos e sociais. Desenvolvem o ato de resgate as origens, símbolos e representação desse povo. Aos santos com quem se identificam por suas agruras, lhes atribuem curas e milagres, oferecem festejos e missas em agradecimentos, evocam proteção, exercem força aglutinadora e identitária coletiva.



Notas e Referências Bibliográficas

¹ REGINALDO, Lucilene. “África em Portugal”: devoções, irmandades e escravidão no Reino de Portugal, século XVIII. *História*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2009, p. 289-320.

² BENTO XVI, **Os Mestres Franciscanos e Dominicanos**. Trans. Original da Libreria Editrice Vaticana. Braga: Editorial Franciscana, 2010, p. 7-13.

³ LE GOFF, Jacques. **As ordens mendicantes**. In: **Monges e Religiosos na Idade Média**, Jacques Berlioz, 227-242. Lisboa, Terramar, 1996, p. 227-242.

⁴ BENTO XVI, *op.cit.*, p. 7-13.

⁵ SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**, 2009, p.116.

⁶ ARAGÃO, Ivan Rêgo. **Devoção negra aos santos católicos: identidade, hibridização religiosa e cultural nas celebrações**, ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH - Memória e Religiões. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013. ISSN 1983-2850. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> Acessado em 10/04/2022, p.1-2

117

⁷ Foi largamente utilizado para nomear os processos de 'dispersão' dos judeus entre os séculos 6 a.C (cativo na Babilônia) e o século XX (perseguições na Europa). Por extensão define-se como dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica.

⁸ LARSON, Pier M. Reconsidering Trauma, Identity, and the African Diaspora: Enslavement and Historical Memory in Nineteenth-Century Highland Madagascar, 1999. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110927151004/http://backintyme.com/rawdata/larson01.pdf> (PDF). William and Mary Quarterly. 56 (2): 335–362. JSTOR 2674122. doi:10.2307/2674122. Acessado em 10/08/2022.

⁹ SOUTO MAIOR, Mario **Dicionário de folcloristas brasileiros**. Goiânia: Kelps, 2000, p. 138.

¹⁰ ALMEIDA DE SOUZA, Juliana Beatriz. **Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar** In Estudos Afro Asiáticos. 02. Universidade Cândido Mendes, ano 23/ jul. dez./ 2001, p 382.

¹¹ BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: Irmandades leigas e Políticas Colonizadoras em Minas Gerais**. São Paulo: Ática, 1986, p.12-13.

¹² BOSCHI, *op.cit.*, p.12-13.

¹³ BOSCHI, *op.cit.*, p.25.

¹⁴ VELASCO BAYÓN, Balbino. **História da Ordem do Carmo em Portugal**. Lisboa: Paulinas, 2001, p.17



¹⁵ OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção e Identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos**. Topoi (Rio de Janeiro) , RJ, v. 6, n.12, p. 60-115, 2006, p. 63

¹⁶ HONOR, André Cabral. **O envio dos carmelitas à América portuguesa em 1580: a carta de Frei João Cayado como diretriz de atuação**. Tempo (Niterói. Online) , v. 20, p. 1-19, 2014.

¹⁷ PRAT, André. **Notas Históricas Sobre as Missões Carmelitanas no Extremo Norte do Brasil (Séculos XVII e XVIII)**. Recife: [s.n.], 1941. p. 15.

¹⁸ CAMPOS, Adalgisa Arantes Campos. A ordem Carmelita. Per Musi, Belo Horizonte, n.24, 2011, p.54-61.

¹⁹ OLIVEIRA, *op.cit.*, p. 63.

²⁰ OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008, p. 130-147.

²¹ OLIVEIRA, *op.cit.*, p. 63.

²² OLIVEIRA, *op.cit.*, p. 130-147.

²³ OLIVEIRA, *op.cit.*, p. 78.

118

²⁴ VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea: Vidas de Santos** / Jacopo de Varazze: tradução do latim apresentação, notas e adesão iconográfica Hilário Franco Júnior – São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 778, 783)

²⁵ SANTANA, José Pereira. **Os dous Atlantes da Ethiopia: Santo Elesbaõ, Emperador XLVII. da Abessina, Advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, Princeza da Nubia, Advogada dos incendios dos edificios, ambos Carmelitas...** / pelo M.R.P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna...; Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Tomo II. 1735-1738.

²⁶ OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Os santos pretos carmelitas: culto dos santos, catequese e devoção negra no Brasil colonial**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFF. Niterói, 2002, p. 170-174.

²⁷ Segundo o texto de SANTANA (*op.cit.*, p.108 e 109), participavam no culto senhoras “*ilustres*” que se denominavam pelo título “*Ayas de Santa Princeza preta*”. Estas auxiliavam na ornamentação da imagem da Santa. Também é referido a devoção que a Corte tinha por esta Santa e a disseminação do seu culto por toda a Andaluzia.

²⁸ SANTANA, *op.cit.*, p.108 e 109

²⁹ LOPES, Inês Afonso. **A Memória das Imagens: Os Santos Negros da Igreja de Santa Clara do Porto**. Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património. Porto, vol. IX-XI, 2010-2012, p. 210.

³⁰ OLIVEIRA, Reginaldo José Machado de. **A Presença do negro na cidade: Memória e Território da Casa Verde em São Paulo**, Mestrado em Ciências Sociais, PUC SP, 2002, p.157



³¹ Segundo a *Acta Sanctorum*, sua comemoração é no dia 27 de outubro. O processo de sua canonização nunca se realizou. Elesbão foi chamado de "o bem aventurado", pela determinação com que defendeu a religião católica no tempo do imperador Justino, o Velho (518-528), fazendo cessar a perseguição contra os cristãos na Arábia. (COELHO, 1998, p. 1 e 2).

³² A tradição também reconhece um segundo filho, ISra.el, que, segundo se sugere, se trata do rei Israel de Aksum.

³³ AKSUM OF ETHIOPIA, **Aksum of Ethiopia Iron Age Kingdom**, 2015. In: THOUGHTCO.COM. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/aksum-of-ethiopia-iron-age-kingdom-167038> Acesso em 27 de junho de 2022.

³⁴ HAY, Munro. *Excavations at Aksum*. London: British Institute in Eastern Africa, 1989, p. 42.

³⁵ COELHO, Beatriz. **Demônio ou Rei Branco**, Boletim do Ceib, vol.2 n. 6, mar. 1998, p. 1 e 2.

³⁶ SCHENONE, Hector H. **Iconografia del arte colonial: los Santos**. Buenos Aires: Fundacion Tarea, 1992, p.290, tradução nossa)

³⁷ SANTANA, *op.cit*, p. 332 e 333.

³⁸ SANTANA, *op.cit*, p. 332 e 333.

³⁹ SANTANA, *op.cit*, p.107

⁴⁰ ESTABRIDIS, Ricardo **A iconografia de Santa Efigenia: Um caso excepcional no Peru**. In: Imagem Brasileira. (Revista do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira). Belo Horizonte, N. 11, 2021, p.71-48.

⁴¹ ESTABRIDIS, *op.cit.*, p.45.

⁴² ALVES, Célio Macedo. Um Estudo Iconográfico, In: COELHO, Beatriz (Org.) **Devoção e Arte. Imaginária Religiosa em Minas Gerais**. Editora da USP: SP, 2005, p.70.

⁴³ RAMOS FILHO, Orlando **Santo Elesbão / São Miguel, A iconografia subliminar** Boletim do Ceib, vol.2 n. 5, dez. 1997, p. 2.

⁴⁴ COELHO, *op.cit*, p. 1 e 2.

⁴⁵ HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Ed. da UFMG/Representação da UNESCO, 2003, p. 34.

Artigo enviado para publicação: **15.08.2022**

Artigo aceito para publicação: **07.12.2022**